

K-MANGUE

(OU COMO MATAR ARIANO SUASSUNA NO

CIBERSPAÇO)

Sofia Celeste¹

Resumo

O relato a seguir é a transcrição de um manuscrito póstumo, redigido nas profundezas do sertão nordestino por agentes remanescentes da Última Guerra Temporal Lemuriana. A Geotraumática, conceito desenvolvido pela Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética – CCRU (2015), será entrelaçada na malha ciclópica dos manguezais, costurando-se nas fissuras do sertão-mar através de uma artropofagia retroprojetiva, tensionada pelas derivas hipersticionais que permeiam o geossimbolismo armorial. Afinal, como já advertia Eshun (1998), nada devemos ao status da racionalidade humana. Intensidade-zero. Cut-up.

Palavras-chave: Aceleracionismo. Teoria-ficção. Mangubeat. Afrofuturismo. Cyberpunk.

¹ Graduanda no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ativa no grupo artístico AMORTEDOSOUTROS. Integrante da oficina Poéticas e Políticas da Educação realizada através da linha de pesquisa Educação e Espiritualidade no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Pesquisa ruidopornografia, dispositivos esquizoanalíticos na educação e os espectros da aceleração no interior do currículo pedagógico moderno. E-mail: sofia.celeste@ufpe.br

Abstract

The following account is a transcription of a posthumous manuscript, written in the depths of the northeastern brazilian backlands by surviving agents of the Last Lemurian Time War. Geotraumatics, a concept developed by the Cybernetic Culture Research Unit – CCRU (2015), will be interwoven into the cyclopean mesh of the mangroves, threading itself through the fissures of the backlands-sea via a retroprojective arthropophagy, strained by the hyperstitional drifts that permeate armorial geosymbolism. After all, as Eshun (1998) already warned, we owe nothing to the status of human rationality. Zero-intensity. Cut-up.

Keywords: Accelerationism. Theory-fiction. Mangubeat. Afrofuturism. Cyberpunk.

Realismo Cibernético: por que “K”?

O Agente Castro havia deixado traços. Evocação via combustão espontânea. Uma transcrição oculta, perpassada por corte-rasuras costuradas nos olhos da coruja. Um nóculo-saturnal na crueldade nuclear que eletriza a remontagem geodisfórica. Ou, rizóforo e não rizoma. Minuciosamente sobre os sistemas mágicos através de um ritual de hiperinvocação. A engenharia hipersticional cuspidada na superfície plana enquanto o papel queimava minhas veias arrancadas a mordidas pela força fulgórica da fome. Os traços restantes eram irreconhecíveis. Os diagramas cismáticos conectavam circuitos anômicos. Minhas vísceras retorcidas se desdobram junto ao horizonte como uma membrana amniótica. Do exterior, sussurros moluscóides são introjetados no canal auditivo. O teto escorre. Na verdade, o texto derrete. Os espelhos vibram acompanhando os sussurros. No reflexo, a entidade observa o fragmento combustivo do relatório póstumo. Algumas páginas estabeleciam uma relação exotérica entre Lemúria, Andes e Canudos.

As mesas estavam possuídas por ranhuras escritas violentamente. Era o meu próprio corpo atado ao espelho, liquefeito nas linhas perimetrais comprimidas pela exterioridade. As ranhuras corporais gritavam: realismo cibernético. Desde o holocausto produzido nas profundezas marítimas da Península de Yucatán, passando pelos dilúvios celestes narrados por Sumé, Noé, Enki, Namu e Cochabamba, indo até o vazamento de petróleo cru na costa nordestina, Captain Mission² é convocado através do cântico escarlate de

² Captain Mission é um personagem criado para o último romance escrito por William S. Burroughs intitulado *Ghost Of A Chance*. Na trama, ele lidera um

Babalon: “K é uma substituição libidinalmente preferível para o termo ‘cyber’ capturado pelos sacerdotes babilônicos — Cibernética é uma terminologia proveniente do grego Kuber.” (Fisher, 2005, tradução da autora)³. Entendemos tanto o cyberpunk, o punk, o mangue e o k-mangue como reverberações contagiosas retroalimentadas pelos vetores catatônicos da intensidade zero.

Algo escapa dos departamentos universitários e é ignorado pela miserável intelectualidade artística do Grande Recife: a escrita do Agente Castro cumpre uma funcionalidade ativa na propagação dos sintomas hipersticionais do sertão-mar, negando ser apenas mais uma das milhares de representações da roça mística supersticiosa do tradicionalismo regionalista, automaticamente efetivando-se enquanto uma tecnologia militar imersa nas falanges da guerra cósmica, reverberando no presente como um processo intervencionista a serviço do caranguejoceno. A Ordem Neodiluviana elencou a escrita do Agente Castro como uma de suas técnicas de fuga, erigindo os manguezais, de forma retroativa, como a derradeira entidade monoteísta que assaltou o fogo prometeano da humanidade para queimá-la até o último caco de osso. “Para funcionar, a história que percorre a realidade deve ser a crença, e nesta também implica na ausência de suspeita ou crença num programa de controle da realidade.” (CCRU, 2015, p. 6, tradução de Bosch)⁴. Tanto a inteligência artística quanto a acadêmica possuem os seus agentes determinados cujo

movimento de piratas revoltados cuja ânsia é dada no estabelecimento da República do Mar, uma utopia messiânica a deriva em pleno oceano no interior das suas naus.

³ Disponível em: <<https://k-punk.org/why-k/>>

⁴ Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/352549166_Guerra_Temporal_Lemuriana>

objetivo é a sabotagem interpretativista das tecnologias castrianas virtualmente potencializadas desde a década de 30.

O fim de Lemúria é uma pré-dobra perdida nos antigos arcos magmáticos que cortam os feixes fraturáticos plitudinais que ainda reverberam da Latitude 8°36'51" Sul e Longitude: 37°9'39" Oeste. A configuração geomorfológica do espaço é caracterizada por pequenas cristas e esparsas superfícies planálticas, como platôs resultantes de processos de aplainamento. Possui também alguns relevos de segmento serrano, representando marcas residuais do choque geotraumático ocorrido há 10 milhões de anos atrás, quando os desdobramentos orogenéticos realizados entre a Placa de Nazca e a Sul Americana realizaram um dos processos morfotectônicos mais importantes para a atual configuração litológica do continente sul americano.

Os relatórios póstumos, manuscritos nas reuniões clandestinas dos neodiluvianos, constataram a dimensão descontínua plasmada no interior dos ritos amazônicos primordiais, sendo anexadas pela República do Mar no campo magnético terrestre. As frequências subliminares foram emitidas por meio do choque tectônico já documentado nas placas lemúricas, cujo ruído é absorvido pelas excrescências temporais dos ouvidos sem tímpanos. O único objetivo dos neodiluvianos é mapear as coordenadas ocultas do tecido tecnocósmico, buscando acessar as diferentes encarnações do Captain Mission na constituição repressiva da modernidade. Em outras palavras: **o desaparecimento de Lemúria, a formação da Cordilheira dos Andes e o soerguimento do atual espaço geográfico nordestino integram um único processo geotraumático.**

Em sua declaração fulminante, Agente Castro conclui que a última encarnação do Captain Mission é Antônio Conselheiro, cuja missão era transplantar a população lemúria para as profundezas de um sistema ecológico aliado das últimas crises climáticas. Lemúria fragmenta-se nos rizóforos lúgubres dos manguezais na qual seus lêmures, agora carcinizados pela força irredutível do ciclo dos caranguejos, recebem o ofício celestial de edificar a República do Mar através dos dispositivos hipersticionais desencadeados pela deriva sertânico-marítima do movimento conselheirista.

O mangue não passa de uma bricolagem maquínica entre tudo que é considerado excremento pela racionalidade cartesiana. O desperdício é a energia que propulsiona seus motores, na qual o profano são as ligações que interconectam seus componentes. Há milênios atrás, mais um dependente químico perguntava às prostitutas: — *Levantem a mão quem almeja abandonar os pubs para mergulhar na lama fétida do campesinato*. Possivelmente, era o mesmo dependente químico que escreveu a ficção sobre as veias abertas da América Latina... Ou, outro morador de rua que, de alguma forma, escreveu sobre metafísicas e canibais. A ficção é cheia desses personagens facilmente esquecíveis, assim como o sertanejo, o latifundiário, o revolucionário, o humano. A ficção é permeada pela degenerescência da transmutação — são todas tecnologias proféticas da cibernética.

No interior das camadas necrohúmicas, tanto o campesinato heroico de Canudos como o carroceiro informal da metrópole são figuras em estados liminares sentenciadas pela violência diluviana que impõe a humanidade: **a lama é a insurreição**. É o mundo porvir sem nós e sem a tele-memória de um passado infausto. Nas bordas antropofágicas dos

estuários, a Pedra do Reino é violentamente arrancada de seu posto. A torrente é o lento cancelamento da territorialidade metropolitana, sepultando todos os vestígios pré-capitalistas enquanto o campo magnético terrestre entra em colapso através do magnífico choque oceânico. Atlântico e Pacífico, um só corpo, múltiplas entidades: Pajeú. O mar foi transformado num sertão de histórias afogadas.

O método cartográfico não consegue mapear os fluxos intensivos moleculares de tal processo desterritorializante. A hidrografia é um convite para um mergulho sem volta ao afogamento: “Heródoto dizia que o Egito era um dom do Nilo. Tudo lá era fruto das águas: terras, economias e religião. Também o Recife é um dom de seus rios. Das águas dos seus rios encontrando as águas do mar. Ondulações. Ruínas históricas. Lendas portuguesas, holandesas, afro-brasileiras. O Recife está boiando nas águas.” (CASTRO, 1968, p. 17). A Transposição perdeu seu sentido ilusório (mascarar a seca enquanto uma consequência direta da grande propriedade agrária) e o São Francisco se encontra asfisiado no pulmão excomungado de São Sebastião. Canudos é a nova fragmentação continental na marcha fúnebre da inumanidade. Neopangeia. Santa Elina, finalmente, triunfa na Guerra das Guerras. Por ter sobrado apenas vassouras e espingardas, decidiram terminar o que Simón Bolívar não conseguiu concluir: comer as bordas fronteiriças dos Andes, dilacerar a Placa de Nazca, beijar o Pacífico, sufocar o Atlântico. *Caranguejoceno*. Um desdentado grita: — VIVA PAJEÚ! — mas o infeliz não sabe o que isso significa. Eu também não sei. Com certeza, os dependentes químicos sabem.

O sangue derramado pelo sebastianismo é completamente lavado pela avalanche espumante da água

salgada. Suas feridas expostas tornam-se cada vez mais avermelhadas. A salinidade penetra a epiderme maltratada e a lama termina a decomposição do tecido. A Pedra do Reino é violentamente arrancada de seu posto. A mesma ilumina, esculpida com dentes e unhas, incendeia todos os empreendimentos imobiliários do centro da cidade, impondo sua ficção através da incineração. Meus olhos observam o cheiro mofado das nuvens, nada deve acontecer no céu, enquanto o tédio mastiga meu canal auditivo. Tentei ouvir os mesmos mitos reverenciados em atividades carnavalescas, mas o meu armorial pertence ao de/signo do inumano, no último suspiro excruciante do diretor de cinema mais famoso da região.

A cabeça degolada de São Francisco vaga à deriva nos afluentes, alimentando a orexia dos artrópodes. Não retornaremos a lama orgânica do campesinato porque não há mais campesinato. Na verdade, subúrbio, pub, lama e campesinato são a mesma coisa. O messianismo alia-se à esquizofrenização das relações sociais à medida que a aceleração se intensifica. A aceleração capturou o messianismo comunista para conjurar seus espectros no céu opaco da Noite dos Mortos-Vivos. Os novos messias canalizam o pessimismo urbano em manifestos sonoros espectralizados por velas, becos sem saídas e nos prédios-caixão demolidos. Ao anacronizar o falido conceito de poder público, os novos messias costuram a estória na escuridão ao assaltar as chamas incandescentes do nosso epitáfio, estes que arranham os céus das grandes metrópoles. Os novos messias emergem das vísceras arrancadas dos condenados da terra como verdadeiros zumbis. O conselheirismo espectral são fantasmas de pele e ossos apodrecidos. Decapitar é romper a espinha dorsal e alçar

o futuro cuspidos nos lajedos do Catimbau. Diante das chuvas de junho, às gotas gélidas escorregam na lona para coagular meu fluxo sanguíneo. Agora, chove todos os meses. Recife frio. A terra esfria e o arrepio epidérmico carrega o aroma úmido de uma caatinga desarmada pelas veredas já despovoadas. Acordo sobre a mesma lona mal colocada. Todos adormeceram. Menos a água. Os sertões estão invertidos.

O gesto sacrificial do sertão-mundo

*“Chinese sky at night
Exploding trees at night
Over rivers and bridges.”
The Fall - Light / Fireworks (1993)⁵*

Lançado em pleno regime militar, *Homens e Caranguejos* (1967) é um romance escrito pelo médico marxista Josué de Castro cujo enredo retrata a história de uma terra sem história que se passa na lama ciclópica do Recife — ou, segundo o autor, a versão latinoamericana de uma Hong Kong miserável. Toda trama é costurada por sertanejos que se metamorfoseiam, paulatinamente, nos homens-caranguejos, figuras desprovidas de sua própria humanidade quando capturadas pelas pulsões energéticas que regem os interiores dos manguezais, rastejando nas bordas limítrofes da organicidade humana, desorganizando sua lógica por meio das

⁵ Sample presente na abertura da faixa “Rios, Pontes e Overdrives” do álbum “Da Lama Ao Caos” (1994) produzido pelo Chico Science & Nação Zumbi.

reentrâncias hidrográficas acopladas a sistemas hipersticionais messiânicos.

Em *Meat*, Nick Land narra os procedimentos extra-corporais que irrompem a normatividade da carne humana, demonstrando-a através dos devires não-humanos que desfiguram todas as pretensões estabelecidas no plano epistemológico racional. Nesse processo, o autor recupera debates traçados por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* (1972) acerca de outros processos de experimentação corporal, se permitindo ser atravessado pelas matrizes inorgânicas que corroem nossos organismos através de redes rizomáticas na qual o corpo sem órgãos é o componente acoplado a tal infraestrutura intensiva. No texto, figuras abjetas deste tipo, que estabelecem rotas de fuga para o exterior do organismo, são posicionadas em um ponto limiar: “são meio-humanos que quando acabam processados como carne, cruzam entre zonas de morte, migrando, em seguida, através de animalidades alternativas” (Land, 2012, p. 433, tradução da autora).

O que *Meat* descreve é o corpo escapando de si mesmo através da germinação da matriz aceleracionista que faz da humanidade seu hóspede parasitário. Na obra *Flatline Constructs*, Fisher (2018) posiciona o influxo germinal no conceito de realismo cibernético, resgatando a literatura ciberpunk para decodificar o que se conta sobre as figuras ficcionais, destrinchando tais elementos enquanto manifestações viscerais emergidas por estímulos tecno-orgânicos do campo significante inumano, ou seja, são explorações puramente técnicas dos limites externos do próprio organismo, algo inerente ao corpo em todas as suas operações.

No romance castriano, os homens-caranguejos manifestam plenamente sua inumanidade quando a singularidade humana é mutilada pela viscosidade tentacular que rasga o submundo descrito no enredo: “A vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, agarram-te como um polvo. E com a densa rede de suas raízes perfurantes, *enfiam tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele, pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos.*” (CASTRO, 1967, p. 13). Os homens-caranguejos são invocações alienígenas para uma morte artificial, na qual o organismo desativa seu processo de produção corporal por meio das matrizes maquínicas processadas pelo sistema dos manguezais.

O devir-animal caracterizado na efígie artrópode é um convite para uma economia outra, marcada pelo espaço-tempo das fases lunares, passando pelo dispêndio catastrófico do acionamento retirante, encontrando sua foz no eco secular “**o sertão vai virar mar**”, entoada pelo camponeses do Arraial de Canudos. As reentrâncias hidrográficas são as zonas na qual o *sertão-mundo* defronta-se com seu último gesto sacrificial. Se nas práticas xamânicas o desmembramento é uma forma de contatar o mundo dos mortos, na carcinização, a desestratificação orgânica é um desejo mortífero cujo os órgãos são repelidos e depurados incessantemente — “[...] nem boca, nem língua, nem dentes... até a automutilação, até o suicídio.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 435) — retroalimentando o *continuum anorgânico* de um corpo de lama através do aceno aniquilador modelado pelo ciclo dos caranguejos. O mundo dos mortos dos homens-caranguejos é a própria dissolução imoderada da distinção homem-natureza através do passeio esquizo: “Um pouco de ar livre, uma relação com o fora. [...] O esquizo não vive a natureza como natureza, mas como processo

de produção. Já não há homem nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro e acopla as máquinas.” (ibidem, p. 10), assim como relatado nos versos de uma das faixas lançadas no álbum *Afrociberdelia* (1996) pelo grupo Chico Science & Nação Zumbi:

Este corpo de lama que tu vê
é apenas a imagem que é tu.
Esta chuva bem de longe que tu vê
é apenas a imagem que sou.
Este sol bem de longe que tu vê
é apenas a imagem que sou.
(CORPO DE LAMA, 1996).

O corpo de lama é o excesso em sua plenitude, e aqui, como demonstra Castro (1967, p. 15), o mangue apresenta-se como uma entidade rizomática absoluta, cuja pulsão de morte propulsiona uma força industrial preocupada em desorganizar o organismo humano, desarranjando as máquinas desejanter através de um corte produzido na sua imanência caótica. É, sobretudo, o delírio catatônico artaudiano perpetuado pelas estrias do seu campo virtual infinito, desvanecendo a lógica sedimentar do organismo, e através das agências de tais conjunções tecnocósmicas, o caranguejoceno devém enquanto propagação do próprio corpo de lama. Nada humano resiste às forças aluvionais cristalizadas nas margens do Rio Capibaribe – o mesmo rio que, na língua Tupi, nomeia as reentrâncias hidrográficas do Recife como *paranã’puka*, ecoando eternamente na décima nona estrofe do poema *Prosopopeia*: “Feita com a fúria desse mar salgado / Que sem, no derivar, cometer minguá / Cova do Mar se chama em nossa língua.” (TEIXEIRA, 1601)⁶.

⁶ O épico escrito por Bento Teixeira, que marca o início do movimento Barroco no Brasil, relata a vida do terceiro donatário da Capitania de Pernambuco, sendo

Ou seja, o mangue configura o sagrado em seu aspecto mortífero até mesmo para os povos originários. A cova do mar é tudo aquilo que será sentenciado pelos acidentes geográficos que percorrem a superfície metropolitana em movimentos serpente-líneos. A gênese do Movimento Barroco transporta consigo não só a delimitação do interdito e do transgressor, uma fronteira paradoxal traçada pela alteridade moderna, mas, acima de tudo, transfere retroativamente os fantasmas de uma inumanidade que atormentará, como enfatizado por Eshun (1998) em sua obra afrofuturista *More Brilliant Than The Sun*, toda disposição maquínica acerca do que é considerado humano.

As reentrâncias hidrográficas, concebidas como espaços liminares suscetíveis a mutação tecnocultural, encontram suas reverberações na teorização de Sadie Plant em *Zeros + Ones: Digital Women + The New Technoculture*. Para ela, “as últimas décadas do século XX foram marcados pela vasta emergência de atividades microbióticas, bacterianas e virais, muitas das quais questionam todas as categorizações e princípios sacrossantos da moderna ciência biológica.” (PLANT, 1997, p. 246, tradução da autora) — e prossegue: “Formamos um rizoma com os nossos vírus, ou melhor, nossas mutações virais nos levam a formar um rizoma com outros animais. O contínuo microbiótico, dessa forma, estende-se a partir das mais antigas formas de vida oceânica.” (ibidem, p. 248, tradução da autora). Ao esboçar uma nova cartografia (ou hidrografia, talvez?), a filósofa sustenta que a forma de vida

considerado o primeiro poema escrito em terras brasileiras. A obra pode ser lida na íntegra:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/BENTO_TEIXEIRA/PROSOPOPEIA/PROSOPEIA_TEXTO.HTML

humana tende se tornar mais cooperativa com as forças microprocessuais que dilaceram seu organismo.

Nessa perspectiva, o oceano surge como a matriz primordial para observação do futuro, um processo que também ressoa em n1x ao final de *Gender Acceleration* (2018), extraíndo daí tanto uma análise hidrotéporal do ciberfeminismo quanto capturando os oceanos como elementos ciberpositivos dos fluxos intensivos da aceleração tecnocapital. “O oceano não é meramente um ambiente ou um meio na qual a vida encontra-se imersa, ao invés disso, é um sistema de irrigação que conecta e atravessa toda forma de vida terrestre.” (PLANT, 1997, p. 249, tradução da autora). Na seção seguinte, Plant analisa a constituição repressiva da modernidade como um dispositivo acionado a partir da fusão onírica entre o mar, a navegação e a loucura, a autora então conclui: “O final do século XX está inundado e invadido por um oceano que carrega consigo a irredutibilidade da atividade molecular, cuja onda só pode ser surfada através de samples sonoros arrancados da nova paisagem marinha. Entretanto, não se trata de substituir a terra firme pela fluidez, mas de lançar-se nas bordas liminares entre terra e oceano, na qual a mutação é impulsionada exponencialmente até que novas atividades possam emergir.” (ibidem, p. 251).

O processo de produção hormonal da ecdisona⁷ funde-se aos fluxos energéticos das fases lunares, enredando-

⁷ A ecdise é o processo pelo qual os artrópodes, nemátodes e outros filos reconfiguram seu exoesqueleto. Nishida e Alves (2001) ao pesquisar esse fenômeno nos caranguejos-uçás, revelam sua íntima submissão ao império da lua, em que as fases lunares e as marés entrelaçam-se em um ciclo energético que dita a metamorfose do animal, e, além disso, comanda, com precisão quase litúrgica, o regime temporal dos pescadores. Estes se reúnem em assembleias ritualísticas à beira do estuário, celebrando a maré baixa como convite à captura e venerando a maré alta como reprocessamento da coleta. Em cada ascensão oceânica, o caranguejo sente o chamado de expulsar do antigo invólucro; em cada refluxo, o homem mede o valor da criatura, calibrando suas redes e oferendas de sal para o

se às forças afóticas das marés oceânicas. O sertão-mundo torna-se a oferenda suprema à pulsão de morte circunscrita no ciclo dos caranguejos. No decorrer do século XX, a descodificação do organismo sertanejo é propulsionada, primeiramente, pelo acionamento retirante acoplado à máquina nomádica do corpo despótico latifundiário. Em seguida, a operação é acelerada pela hiperstição sertão-mar ativada por meios das linhas de fuga abertas pelo conselheirismo dispendioso, sendo lançados aos vórtices desterritorializantes que conjuram sua conclusão hipersticiosa nas profundezas tentaculares dos manguezais. O conselheirismo, agora espectral, afoga seus devires messiânicos enquanto oferenda-outra transferida às entidades que regem o desejo inumano. A história é devorada pela fúria famélica dos novos messias. Já ao final do século XX, o vôo tardio da coruja é sobrepujado pela andada hormono-reprodutiva dos artrópodes. O crepúsculo iminente é assaltado dos céus por tropejos ensurdecadores. O último gesto sacrificial do sertão-mundo emite vetores teleopléxicos, logo, a conjunção entre a mercadoria⁸, a ecdise, o satélite lunar e o ciclo dos caranguejos na malha tecnocósmica da aceleração intensificam a propagação virulenta da sua guerra temporal nas transmissões vertiginosas do ciberespaço. Dessa forma, a Ordem Neodiluviana conclui que Captain Mission agora é uma travesti e a utopia distópica ainda submersa nas decadentes naus da República do Mar carregam consigo o sabor hormonauta do Travecoceno.

próximo ciclo. https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442002000300003

⁸ *ibidem*.

O manguebit é um vírus

“Sou eu transistor
 Recife é um chip
 Se a terra é um rádio
 Qual é a música?
 Um vírus contamina pelos olhos,
 ouvidos
 Narizes-fios (elétricos), ondas sonoras
 Vírus conduzidos a cabo, UHF, antenas-
 agulhas...”
 Mundo Livre S/A - Manguebit (1994).

“No longer what does it mean? but how
 does it spread? Having no proper
 substance, or sense beyond its re re re
 replication, yes no no usage of virus is
 ever metaphori- cal. The word ‘virus’ is
 more re re virus.
 1011001001001101100001001001.
 hypervirus eats the end of history.”
 Nick Land – Hypervirus (1995).

No início da década de 1990, o Population Crisis Committee considerou Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver (Ramos, 2019, p. 15). Paralelamente, o mercado tecnológico pernambucano buscava impor-se diante das metrópoles sudestinas que, na época, hegemonizavam os pólos empresariais do ramo da informática. Mabuse (2022), um dos principais colaboradores do movimento manguebit, considera esse período como o ponto de inflexão para os processos ciberespaciais que reconfigurariam a paisagem recifense. Apesar do cenário pós-apocalíptico, a nova geração abraçou a ficção-científica, o ciberpunk e o retrofuturismo, enxergando no colapso urbano, nos movimentos artísticos periféricos e nas novas tecnologias o fôlego que entrelaçava-os em uma mesma malha tecnocultural.

A partir da fundação do Centro de Informática (CIn) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na década anterior, em 1983, os experimentos laboratoriais impulsionaram o desenvolvimento de tecnologias da informação voltadas para o uso doméstico dos computadores. É nesse contexto que surge o primeiro microcomputador fabricado no nordeste: o Corisco – uma homenagem ao cangaceiro Diabo Louro – idealizado por Belarmino Alcoforado. De acordo com Dementshuk (2017)⁹, o segundo mandato de Miguel Arraes (1987-1990) foi decisivo para a consolidação do Sistema Estadual de Informática e Processamento de Dados, viabilizando a implementação de núcleos computacionais nos órgãos de administração pública direta e indireta. Associada à escalada exponencial da Lei de Moore, esse processo de democratização não apenas informatiza o aparato burocrático, mas inaugura uma fase onde a informática deixa de ser uma ferramenta e se infiltra socialmente como peste cibernética.

O incentivo governamental permitiu que a Prefeitura do Recife planejasse a primeira freenet da América Latina: a Rede Cidadão, um projeto pioneiro que garantiu o acesso gratuito à internet por meio do poder público. Cláudio Marinho, coordenador da iniciativa, relata em entrevista a Silvia Bessa (2017)¹⁰ que viver no Recife no início dos anos 1990 era habitar um paradoxo atravessado por experienciar a rotina precária de uma das piores cidades do mundo enquanto vislumbrava a explosão vertiginosa das iniciativas digitais. Entre esses núcleos, estava a formação do Delta do Capibaribe, uma confluência de professores e estudantes universitários

⁹ Ver em: <<https://medium.com/%C3%BAItimo-corisco/somos-todos-esta-nau-af155e2f892d>>

¹⁰ Ver em: <<https://jornaldigital.recife.br/2023/07/25/claudio-marinho-e-seu-jeito-de-ver-a-cidade-entrevista/>>

vinculados ao Departamento de Informática da UFPE que se conectava a uma vasta rede artística multimídia atrelada às artes plásticas, as artes visuais, ao punk, hip hop e ao maracatu. O que os unia era a percepção de que a renascença pernambucana não viria da política tradicional, ou da nascente economia neoliberal, mas do ciberespaço. Dessa fusão, nasce o movimento mangue, onde a insurgência cibernética alienígena promove uma invasão a cidadela das revoluções – agora falida economicamente – abduzindo os homens-caranguejos, e transformando-os em uma máquina de experimentação desterritorial na cidade com pior índice de desemprego do país, como descrito por Fred Zero Quatro no *Manifesto Caranguejos Com Cérebro* (1992)¹¹.

A imagem-símbolo da antena parabólica fincada na lama sintetiza a fusão entre o delta tecnológico do capibaribe e o movimento mangue, ambos em sintonia com o colapso da modernidade (ZERO QUATRO, 1992), um colapso caoticamente anastrófico, engendrando choques elétricos no ciclo dos caranguejos, reconfigurando os manguezais como seu próprio ciberespaço. No manguebit, a liminaridade do homem-caranguejo é ainda mais intensificada pela nova onda que toma-o das mãos enrijecidas da academia para transformá-lo numa tecnologia que movimenta a máquina abstrata dos fluxos nomádicos no interior de um ciberespaço emergido de forma abrupta. É nesse momento que a figura esclerótica do homem-caranguejo é elevada ao status de enxame multitudinário reconceituado como *Chamagnathus granulatus sapiens*, cuja inteligência artrópode é eletrificada pela etnovirulência que

¹¹ O texto foi escrito pelo jornalista e artista pernambucano Fred Zero Quatro, vocalista da banda Mundo Livre S/A. O manifesto é conhecido por retratar o marco-zero do movimento mangue. A obra divide-se em três partes: *Mangue, o conceito*; *Manguetown, a cidade*; *Mangue, a cena*.

desconfigura o cérebro humano, dissipando os processos socioeconômicos de produção a partir da tecnovirulência (LAND, 2012, p. 398), elevando a força categórica do contágio como porvir inumano.

Nos ventos contra-alsios que sopravam do outro lado do Atlântico, o ciberespaço reverberava nas nascentes experimentações filosóficas da Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética (CCRU) de maneira similar. Segundo Pinheiro (2020, p. 115), a CCRU foi pioneira no estudo das ciberculturas emergentes da democratização da internet e dos computadores domésticos, tornando-se um ponto de convergência para aqueles que viam na rigidez departamental da academia um entrave ao pensamento.

Mais que um centro de pesquisa, a CCRU funcionava como uma zona de contaminação, atraindo aqueles que buscavam não só compreender a cibercultura, mas incendiá-la junto a sobriedade das produções filosóficas contemporâneas em um frenesi especulativo. Fundada por Sadie Plant e Nick Land em 1995 no Departamento de Filosofia de Warwick, no Reino Unido, a Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética rapidamente se tornou um epicentro esquizofrênico, contando com a colaboração ativa de pesquisadores como Mark Fisher, Luciana Parisi, Ian Hamilton Grant, Kodwo Eshun, Maya B. Kronic, entre outros nomes brilhantes, também atraindo coletivos artísticos vinculados ao cenário artístico experimental (ibidem).

Assim como na Região Metropolitana do Recife, onde o manguebit canalizava a pulsação rizomática das colisões ciberespaciais, a insurgência cibernética da CCRU irradiava seu derretimento esbraseante nas abstrações sonoras. No Reino

Unido, esses processamentos maquínicos se manifestavam principalmente no jungle. No mangue, o hip hop, o punk, o funk, as artes plásticas e a vídeo-arte tiveram suas características fracionadas pelas pulsões zumbificadas das alfaías de maracatu, criando um corte sônico ríspido, impulsionado pela utilização excessiva de grooves e samples, desconfigurando a melancolia do léxico sertanejo a partir de uma potencialidade libidinal coberta pelo seu próprio gozo lunar. Na selva, ou melhor, no *jungle*, gêneros como o digital hardcore, o pós-punk, o ambient, o breakcore e o dubstep também se desintegraram pela força absoluta da polirritmia, onde as linhas estruturais entre tempo e som são colididos entre si em uma deriva ruidosa.

Aqui, a reconfiguração sonora cria um espaço de movimentação intensa e frenética, onde os desdobramentos multitemporais são cristalizados enquanto hiper-vibrações eletromagnéticas. Alcançando o zero absoluto, o manguebit desarticula o binarismo ancorado na “cultura popular” tornando-se sua linha de fuga incendiária. A hesitante audição humana questiona: distorcer elementos regionais da tradição nordestina é descaracterizá-la na degenerescência anárquica do ocidente. A audição inumana, no entanto, não argumenta, apenas se lança rapidamente nas placas lemúricas estratificadas pelo delírio maquínico. Assim, Josué de Castro, Malcolm McLaren e Jackson do Pandeiro são decapitados e entregues aos “avanços químicos aplicados no campo da alteração e expansão da consciência” (ZERO QUATRO, 1991). Afrociberdelia. E então, quando arrastados ao núcleo hipermassivo da engrenagem que acelera o delírio maquínico, seus crânios autocanibalizados mergulham na alienação enquanto contaminação multimidiática.

Kodwo Eshun, em sua obra *More Brilliant Than The Sun* (1998), analisa o desencandeamento da escravidão, fenômeno central na constituição do colonialismo ocidental, como um processo de abdução alienígena (ibidem, p. 192), levando-o a considerar a sociedade ocidental como uma secular *alien-nação*. Desta forma, o filósofo afrofuturista observa que, através das manifestações musicais, os afroamericanos expressam a sensação de não pertencimento à categoria do que é considerado humano. Não é atoa que tanto o jungle quanto o mangue estão estruturados no legado musical afroamericano, com influências diretas do dancehall, ska, reggae e o dub jamaicano, fundidas aos loops sonoros edificados no hip hop extraído dos samples rítmicos do funk americano. No manguebeat, a mesma carga estrutural é ainda mais concentrada quando o movimento absorve as particularidades do maracatu rural, samba, forró, côco e ciranda, transformando a produção artística num intenso entrelaçamento afrociberdéllico.

O mangue e o jungle são produtos do devir inumano da cognição (LAND, 2012, p. 293), onde suas intencionalidades oitivas extrapolam a própria escuta como antecâmaras de uma possível audição inumana. Somente o ouvido sem tímpanos abstrai-se da sua cibernegatividade para aventurar-se “além da modernidade” (ibidem, p. 306), pois “modernizar o passado” (NAÇÃO ZUMBI, 1994) é desestratificar a matéria a partir da esquizogênese, suplantando as categorias humanas nos porvires desconhecidos que emanam dos fluxos intensivos ciberpositivos introduzidos a partir do Fora. O mangue e o jungle intensificam suas linhas de fuga lançando-se para as bordas vertiginosas do mercado periférico desterritorializante,

onde o humano desconstitui-se de si mesmo ao precipitar seus influxos germinais intensos.

O manguebit é um enxame e opera exclusivamente por contágios, demolindo as muralhas claustrofóbicas do sertão-mundo para conjurar milhares de olhos na oceanografia temporal esquizotática. As *mutantexturas*¹² programadas na guerra dos mundos sônico-ficcionais trituram o geossimbolismo. A toada, o repente e os fragmentos recortados da sanfona pé-de-serra são violentamente perpassadas pelo grito lancinante de Damo Suzuki¹³, instaurando cortes *mixilógicos*¹⁴ que arrancam esses fluxos de suas pulsões sufocantes e as exacerbam nas matrizes tecnosônicas. Nesse instante, a geohistória implode numa fissão nuclear incandescente, antecipando o geotrauma total, deformando-se numa geodisforia que devora os circuitos humanos, expelindo-os novamente sobre si em um espiral autorreferente. No cerne desse colapso, o derretimento posiciona as virtualidades do impossível como vetores da desterritorialização absoluta: “Imprevisibilidade de comportamento / O eixo não-linear segue para dentro do universo.” (ibidem).

Deslizando entre os reflexos turvos desobedientes à vontade humana, amotina-se uma nova composição acefálica. Ao desconfigurar a acefalia batailleana clássica do *corpo sem cabeça* – que simboliza a rejeição total a racionalidade humanista – para conjurar nossa irracionalidade singular

¹² Mutantextures: conceito traduzido do pensamento eshuniano na obra *More Brilliant Than The Sun* (1998). Aqui, a experimentação musical é uma emanção ufológica intensificada pelos corpos não pertencentes à categoria do humano.

¹³ Referência aos diversos samples utilizados na faixa “Coco Dub (*Afrociberdelia*)” produzidos pelo CS&NZ (1994).

¹⁴ Mixillogics: outro conceito resgatado do pesquisador Kodwo Eshun (1998). A mixilógica é a própria lógica alienígena inumana atravessada pelas manifestações sonoras afroamericanas.

esquizoacefálica enquanto *cabeça sem corpo*, desloca-se o reconhecimento da inumanidade alienígena não para o corpo sem cabeça, mas para a própria cabeça decepada, vista como o troféu máximo das forças aliadas a humanidade. Encarnar a degola.

Reesink (2013), no artigo intitulado *Saber os nomes: observações sobre a degola e a violência contra Bello Monte (Canudos)*, descreve o uso corriqueiro da decapitação pelas forças coloniais e republicanas, uma ação que visava humilhar os corpos alienígenas perseguidos negando-lhes o reconhecimento enquanto seres humanos: “Os militares rebaixavam sistematicamente a condição de ser humano do inimigo, expressando materialmente sua condição bestializada, quando praticava todo tipo de ação moralmente proibida por pessoas ‘normais’ em tempos ‘normais’: degola, estripamento, estupro, prostituição, venda de crianças.” (ibidem, p. 60).

A cabeça-sem-corpo é a expressão fantasmática da Guerra Temporal Caranguejo-Lemuriana. O corpo degolado, antes reduzido a sua última forma agonizante, estremece ao acessar seu influxo germinal: “Quando degolaram minha cabeça / passei mais de dois minutos vendo meu corpo tremendo” (NAÇÃO ZUMBI, 1996). É o que acontece às entidades Zumbi dos Palmares, Maria Bonita, Lampião, Conselheiro, Pajeú, ao sangue infantil sacrificado no altar do sebastianismo, às guerrilheiras indígenas e quilombolas que habitavam o sertão colonial, ocorrendo também, inclusive, às milenares gravuras rupestres dos *xamãs sem cabeça* do Vale do Catimbau.

O verso *Computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro*, escrito por Fred Zero Quatro, demonstra que a rede

artística recifense não estava interessada em promover um grito primitivista contra a Inteligência Artificial, como insistem alguns pseudo-críticos. Pelo contrário, o verso é a celebração cibermessiânica da sua vinda, sintetizando as conexões maquínicas estabelecidas pelos acadêmicos da informática em sintonia com os urubus ciborgues que cruzavam os submundos do Grande Recife. Para a tristeza de Ariano Suassuna, o agenciamento telúrico do movimento armorial é reciclado aos tentáculos invasores das futuridades, integrando os vetores sônico-ficcionais de uma cultura ardente que tende a dissolução social (LAND, 2012), encontrando no capital a potência autodissolvente que o arremessa na anástrofe manguebit, e que junto ao jungle, são costurados na malha tecnocósmica da aceleração. Os sertões estão invertidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.
- CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.
- CCRU. **CCRU Writings 1997-2003**. Time Spiral Press. 2015.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ESHUN, Kodwo. **More Brilliant Than The Sun: adventures in sonic fiction**. Great Britain: Quartet Books, 1998.
- FISHER, Mark. **Flatline Constructs: gothic materialism and cybernetic theory fiction**. New York: Foward by exmilitary, 2018.
- LAND, Nick. **Fanged Noumena collected writings 1987-2007**. 2. Ed. UK: Urbanomic. 2012.
- MABUSE, H. D. **Por Que O Ecossistema de Recife Foi Um Spin-off Do Maguebeat**. MITSMR Brasil, 2022. Disponível em: <https://mitsloanreview.com.br/por-que-o-ecossistema-de-recife-foi-um-spin-off-do-maguebeat/>
- PINHEIRO, Damares Bastos. **O DOMÍNIO DE TAMERLÃO: Os Efeitos dos Presságios Aceleracionistas em Marx**. Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- PLANT, Sadie. **Zeros + Ones: Digital Women + The New Technoculture**. London: Fourth Estate. 1997.
- REESINK, Edwin B. **Saber Os Nomes: observações sobre a degola e a violência contra Bello Monte**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, v. 27, p. 43-73, 2013.
- SCIENCE, Chico. Nação Zumbi. **Afrociberdelia**. São Paulo: Sony, 1996.

SCIENCE, Chico. Nação Zumbi. **Da Lama Ao Caos**. São Paulo: Sony, 1994.

ZERO QUATRO, Fred. **Caranguejos com cérebro**. Recife, 1992.
Disponível em:
<<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1308779-7085,00.html>>